

# Os avanços nos países em desenvolvimento

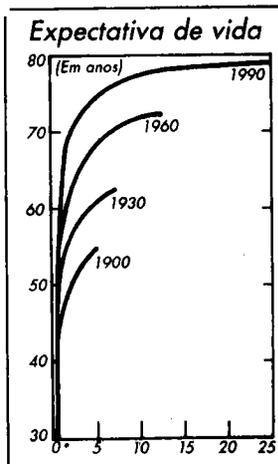
por Claudia de Souza  
de São Paulo

As condições de saúde em todo o mundo melhoraram nos últimos quarenta anos mais do que em toda a história da humanidade, de acordo com o World Development Report 1993, o relatório anual sobre desenvolvimento divulgado ontem pelo Banco Mundial (BIRD) e que este ano está centrado na situação da saúde.

A expectativa de vida nos países em desenvolvimento prolongou-se de quarenta para 63 anos. O número de crianças que morre antes de completar seu quinto ano de vida diminuiu de três em cada dez crianças para uma em cada dez crianças. O sarampo, que matava mais de 5 milhões por ano nos anos 50, foi totalmente erradicado (ver gráfico).

Com essas mudanças, transformou-se o perfil demográfico desses países, com uma maior proporção de velhos e a necessidade de planejar para tratar de um maior número de pessoas com doenças não contagiosas, que são mais caras de curar. Ao mesmo tempo, as estimativas do BIRD sugerem que, apesar de um declínio na taxa de fertilidade, os nascimentos continuarão aumentando nos próximos anos nos países em desenvolvimento e também a necessidade de tratamento de doenças contagiosas, que deverá persistir, competindo por recursos. Esse tipo de dilema, diz o BIRD em seu relatório, já foi detectado no Brasil e na China, em estudos específicos.

De acordo com Philip Musgrove, diretor deste "Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial 1993 — Investindo em Saúde", um dos indicadores mais precisos para constatar o pro-



Fonte: Banco Mundial  
Renda per capita (Em mil dólares de 1991)

gresso já obtido na situação da saúde nos países em desenvolvimento está no quadro de idade mediana ao morrer (a idade abaixo da qual metade de todas as mortes ocorrem num dado ano), por região, em 1950 e 1990, com projeções para 2030. Fica claro, em 1950, a alta incidência de doenças e mortes de crianças, com a idade mediana ao morrer ficando nessa época abaixo dos 20 anos em todas as regiões: mais baixa na África Subsaara e no Oriente Médio, um pouco mais alta na Índia e Ásia e Pacífico, mais favorável na América Latina e chegando aos 20 anos na China.

Em 1990, a situação já era bem mais favorável. A idade mediana de óbito já chegava perto dos 60 anos na China e na América Latina, mas ainda pouco acima dos 5 anos na África e ainda abaixo dos 25 anos no Oriente Médio. As projeções do BIRD, mantidas as atuais tendências, são de uma idade mediana de óbito acima dos 60 anos em todas as regiões, com exceção da África.

No entanto, especialmente se comparada com os países desenvolvidos, a situação da saúde no mundo

em desenvolvimento ainda é precária. Mesmo com o progresso dos últimos quarenta anos, as taxas de mortalidade infantil nos países mais pobres são hoje cerca de dez vezes mais altas do que as taxas nos países mais ricos. Complicações na gravidez e no nascimento ainda causam a morte de 400 mil mulheres por ano nas nações menos favorecidas, onde a incidência de morte no parto chega a ser trinta vezes maior do que no mundo desenvolvido.

## RENDA E SAÚDE

A relação entre expectativa de vida e renda per capita é clara. Segundo o relatório, os dados cruzados de 65 países sugerem que

mais de 75% das diferenças nas condições de saúde estão associadas com diferenças de renda.

Os dados relacionam expectativa de vida e renda (medida em poder de compra em dólares de 1991) e mostram que a expectativa de vida aumenta rapidamente com o aumento da renda, particularmente quando a renda per capita é menor do que US\$ 3 mil anuais. A curva move-se para cima a cada trinta anos, indicando que para um dado volume de renda mais benefícios de saúde são obtidos. Por exemplo: nos Estados Unidos, a expectativa de vida em 1900 era de 49 anos para uma renda de US\$ 4.800 anuais

(valores de 1991); em 1990, a mesma renda estava associada a uma expectativa de vida de 71 anos.

A saúde depende de outros fatores além da renda, como mostra o movimento para maior expectativa de vida das curvas referentes a cada período de 30 anos — 1900, 1930, 1960 e 1990. Entraram em cena nos últimos anos fatores como o avanço tecnológico da medicina e sua disseminação e a introdução em larga escala dos serviços públicos de saúde, além de facilidades básicas como tratamento de água e instalação de esgotos.

"O maior impacto do aumento da renda e do acesso aos serviços básicos está nas camadas de menor renda. Para elas, o desenvolvimento econômico é mais eficaz para melhorar as condições de saúde", resume o especialista do Banco Mundial, Musgrove, que esteve em São Paulo, no Recife e em Salvador nos últimos dias apresentando o documento.

Nos países em que a renda per capita está crescendo rapidamente, a taxa de mortalidade infantil (a probabilidade de morrer entre o nascimento e os 5 anos) também diminui de modo mais acelerado, como mostra a análise de dados de mortalidade infantil e aumento da renda em 65 paí-

ses entre 1970 e 1988, apresentada no Relatório.

Fica evidente que o crescimento econômico lento custa caro em vidas. Durante os anos 80, a performance das economias dos países em desenvolvimento variou, mas, de modo geral, se o crescimento econômico tivesse acompanhado o mesmo ritmo dos anos entre 1960 e 1980, só no ano de 1990 aproximadamente 350 mil mortes de crianças antes dos 5 anos poderiam ter sido evitadas (o equivalente a 6% das mortes ocorridas) nos países em desenvolvimento (excluindo China e Índia).

Na América Latina, onde a taxa média de crescimento econômico foi 2,5% mais lenta nos anos 80, o número de vidas que poderiam ter sido salvas seria ainda maior. Algo como 12% das mortes infantis teriam sido evitadas se o crescimento da economia não tivesse diminuído. A recessão latino-americana de 1983, estima o banco, causou 12 mil mortes infantis adicionais, ou 2% das mortes infantis daquele ano. "Porque o crescimento lento emperra a diminuição da pobreza e reduz os gastos com a saúde, educação e outros serviços, é altamente provável que a saúde dos pobres sofreu desproporcionalmente nos anos 80", conclui o Relatório.